

Hospitais insistem: querem sair do Suds.

Alguns hospitais já deram
procuração para o sindicato
agir, mas o Estado
continua ameaçando intervir
nos que pedirem
desligamento do Suds.

2 * AGO 1989



Pinotti: "Não vou ceder um milímetro".

JORNAL DA TARDE

Os hospitais particulares de São Paulo continuam insatisfeitos com a forma de pagamento adotada pelo Estado para atender os conveniados do Inamps, pelo Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (Suds), e ainda ameaçam pedir descredenciamento desse serviço. Muitos já entregaram procurações ao Sindicato dos Hospitais de São Paulo, preparando-se para iniciar seu desligamento do Suds: "Por uma questão de ética e para evitar retaliações da Secretaria da Saúde, que ameaça intervir nos hospitais, não vou divulgar nomes. Mas são muitos os que já não querem mais manter convênios com o Suds porque recebem pouco e com atraso", disse o presidente do sindicato, Chafic Farhat.

Enquanto isso, o secretário da Saúde, José Aristodemio Pinotti, reiterou ontem que o Estado intervirá nos hospitais particulares que se descredenciarem do Suds: "Vamos estudar caso a caso e empregar o instrumento legal da intervenção nos hospitais que forem considerados essenciais ao atendimento da população".

Diante dessa afirmação, o sindicalista comentou: "Estranhamos muito que um governo democrático venha nos ameaçar com intervenção. Esse tipo de instrumento não resolverá nada". Farhat disse que o número de hospitais interessados em se desligar do Suds pode crescer e que "o sindicato irá amparar todos os associados que sofram qualquer in-

tervenção por parte do governo".

O secretário reconheceu que os hospitais recebem pouco (a taxa é variável, de acordo com o tratamento) para prestar atendimento médico à população através do Suds, mas advertiu que os representantes desses estabelecimentos devem faturar, exclusivamente, contra o Inamps: "Não é justo que uma pessoa pobre pague à parte para receber assistência médica. Os hospitais devem reivindicar reajuste ao Inamps".

Sobre a ameaça do descredenciamento dos hospitais, Pinotti argumentou que isso é uma reação contra o governo estadual, que exige, segundo ele, qualidade

nos serviços prestados e, principalmente, faturamento correto: "Não vou ceder um milímetro". E disse que recentemente tomou conhecimento de um triplo faturamento em Ribeirão Preto: "Cobramos NCz\$ 350,00 de uma senhora por uma operação de catarata. E além disso faturaram contra o Inamps e uma entidade médica de Sertãozinho, pelo mesmo procedimento. Casos fraudulentos como esse há aos milhares, e quando exigimos faturamento correto, os hospitais ameaçam com o descredenciamento".

Mais um hospital particular — o Paulistânia, no Brooklin — foi desautorizado ontem a atender às chamadas consultas simples (casos sem emergência). O descredenciamento foi confirmado pela Secretaria da Saúde e faz parte da política do secretário, que pretende mesmo passar esse tipo de consulta para a rede pública, ociosa, segundo diz, e que deve absorver esse atendimento.

O dono do Hospital Paulistânea, Aysel Peter Hansem disse que o hospital foi procurado ontem por mais de cem pessoas que não entendiam por que não podiam ser atendidas pelo Inamps: "Lançamos um plano popular para atender à população daqui, que é muito carente. Estamos indicando o posto de saúde da região, mas cerca de 80 pessoas preferiram fazer a consulta aqui, pelo valor de NCz\$ 10,00". O médico disse ainda que o Paulistânea fazia cerca de cinco mil consultas simples por mês.



O presidente
do Sindicato dos
Hospitais,
Chafic Farhat,
mantém segredo
sobre as procurações.

Arquivo/AE